

*Passages de Paris*, nº 22/23 (2021/2022)

**RESENHA: NA SOMBRA DO IPÊ:  
MEMÓRIA E RESISTÊNCIA EM TEMPOS DE LUTO(A)**

Prof. Ana Maria CLARK PERES<sup>1</sup>

Radicada em Paris há longos anos, jornalista, Doutora em Informação e Comunicação pela Université Paris VIII, com Pós-doutorado na École des hautes études en sciences sociales, autora de ensaios, biografias (das quais destaco o instigante relato sobre cantora lírica Maria d'Apparecida), romances diversos (aí incluídas narrativas que têm encantado também as crianças, como *Memórias da Vila*, que tive o prazer de apresentar), livretos informativos (haja vista o recente *Nascentes vivas*, sobre a situação da Reserva Indígena de Dourados e suas aldeias Jaguapiru e Bororó), vários deles já traduzidos para o francês, Mazé Torquato Chotil é, sem dúvida, uma escritora multifacetada.

Mimetizando esse traço da autora, seu último romance, *Na sombra do Ipê* (Ed. Patuá), constitui-se também como uma obra de múltiplas facetas que se intercalam, fazendo com que o factual e o ficcional, anotações jornalísticas e memorialísticas (estas de um tempo vivido e, quem sabe, também devaneado) convivam e interajam, numa alternância de breves e variadas cenas. Tendo como fio condutor o câncer de uma grande amiga de infância, o qual evoca a lembrança da mesma doença que acometeu outros amigos e a própria autora, com descrições detalhadas dos embates contra ela, os tantos relatos não privilegiam, entretanto, pormenores dramáticos no que concerne ao tratamento a que foram submetidas as narradoras (são duas, uma vez que na última parte do livro é a amiga quem narra a história). Ao contrário, apesar da apresentação inevitável de momentos dolorosos que ocupam grande parte do enredo, no final a palavra-chave acaba sendo, a meu ver, “serenidade”, palavra essa que, mesmo não

---

<sup>1</sup> Ana Maria Clark Peres é Doutora em Estudos Literários pela UFMG, com pós-doutorado em Literatura Comparada na Université Paris 8 e em Literatura Brasileira na USP. professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFMG. De março de 2008 a fevereiro de 2020, realizou sucessivas pesquisas sobre a obra de Chico Buarque, com o apoio do CNPq. É autora de diversos artigos publicados no Brasil e no exterior e, entre outras obras, do livro *Chico Buarque: recortes e passagens* (Ed. UFMG).

explicitada, fecha (abrindo) o romance. Senão, vejamos este trecho da narradora principal, quase ao término de seu relato: “Precisando me desestressar, fui para a minha caminhada no parque perto de casa. A primavera trouxe de volta a vida. As novas folhas parecem de um verde jovem e cheio de energias. O verde contracenando com as cores das primeiras flores: o narciso em amarelo e branco, diferentes espécies de jacinto, forsythia, pequenas margaridas que entapetam o solo. [...] Deixo-me envolver completamente por essa natureza e volto com o sentimento de corpo e alma lavados” (p. 66). Agora, um pequeno trecho do relato da amiga, perto do final do livro: “Lá fora é noite. Tudo parece calmo. [...] Nuvens brancas no céu. De repente, são as estrelas que brilham ao redor da lua. Sinto-me leve, tão leve [...]” (p. 95).

Ainda que algumas lembranças evocadas em conversas com a amiga doente sejam tristes (como a do velório do pai dessa última), impera em todas elas o sentimento terno que as unia, avivando uma narrativa que gira em torno do significante “câncer”, além de suaves recordações da mãe: “‘Vai esquentar o sol, menina!’ [...] Vejo-me pequena. Pelos 7 anos. Uma touca na cabeça, uma blusa de flanela em cima de um vestido de um tecido azul com bolinhas brancas que ela costurou. Nos pés, chinelas. Que temperatura poderia fazer? Havia sol e por isso seu mandado. [...] O sol me esquentava. Somente muito tempo depois é que prestei atenção no “vai esquentar o sol”. Bem entendia o que ela queria, sem reparar que era ao sol que me esquentava [...]. Eu, o sol e o mundo, meu mundo, não existia mais nada no momento além daquele espaço” (p. 35). Da venda do pai, por sua vez, vem à tona uma agradável lembrança gustativa: a do “requeijão com goiabada e marmelada” (p. 47). E retornam as distrações: “De música, só era familiarizada com as sertanejas e as nordestinas, que minha mãe gostava de cantar sobre a voz de Luiz Gonzaga” (p. 47- 48). A solenidade das fotos também é evocada, bem como a constituição de seu núcleo familiar: “[...] a minha primeira foto foi feita ainda quando morávamos no sítio, quando a família veio ao vilarejo. Éramos quatro filhos. Eu a mais nova. Todos naquela mesma foto, tiradas no espaço do fotógrafo com uma cortina como decoração na parede de trás e o tapete no chão. O pai, de pé, parecia tão alto [...]. Do lado do pai, o irmão mais velho e do lado da mãe, a irmã mais velha. Eu e a irmã “gêmea” no meio da foto” (p. 59). E ainda há o registro de outros flashes que cintilam em meio ao esquecimento: “Vejo-me com uma caixinha nas mãos. [...] De papel, com algumas imagens de pulseiras em um dos lados. Imagens coloridas para chamar a atenção das futuras clientes, jovens de cerca de 10 anos. Era uma compra no

escuro, porque a caixinha não possibilitava saber que pulseira ela compraria. Ela vinha lacrada e a compradora poderia tirar uma das quatro pulseiras que a imagem da caixinha mostrava. Elas brilhavam [...], mas não eram pedras preciosas, claro. Mas brilhavam” (p.64).

Dessa forma, resgatando e encenando lembranças antigas, amenas e delicadas, e ao mesmo tempo escancarando e esmiuçando sem pudor os duros e sofridos impasses do presente, a escrita do livro torna-se assim, a meu ver, capaz de contribuir para o trabalho de luto da narradora principal (da autora?), o qual se insinua no relato, apresentando ao leitor sua luta para resistir à dor e mobilizando-o nesse embate.